

O carisma paulino

a serviço do Evangelho da paz

Antes de tudo gostaria de saudar todos vocês pelos cem anos de história. Penso que esta seja uma ótima oportunidade para refletir, porque não é previsível viver mais de cem anos: mas nada, enfim, é eterno; mas aquilo de que se tem necessidade de perguntar-se é qual é o verdadeiro carisma e como reenforcá-lo nos novos tempos.

Falamos de evangelização durante anos, mas não fomos capazes de fazer evangelização, justamente porque a nossa evangelização era um esforço voluntarista e, algumas vezes, proselitista. Para comunicar a Boa Notícia é preciso saber comunicar, saber falar. O grande limite na evangelização foi o de uma Igreja que cansava as pessoas ao comunicar; daí a intuição de pe. Alberione de se voltar para Paulo, de retomar a comunicação



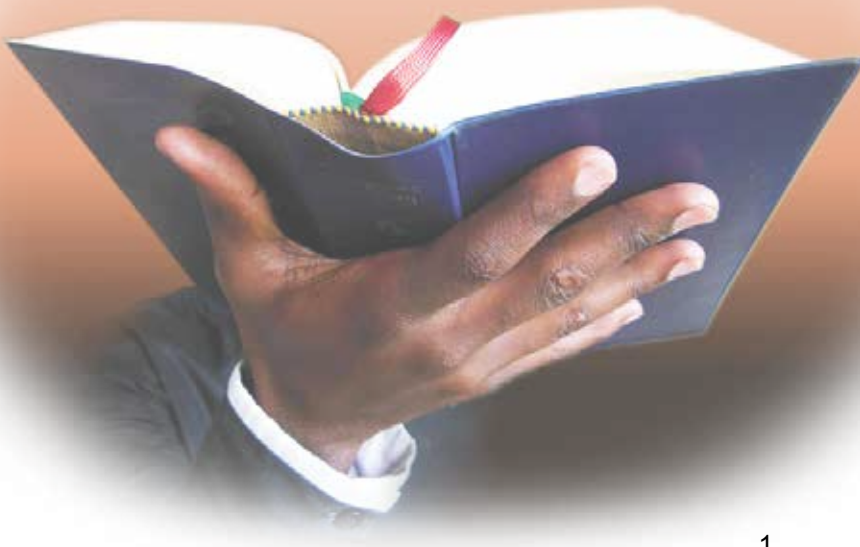
com os homens. É a ideia fundamental que depois prorrompe com o Concílio e com Paulo VI, que na sua encíclica programática *Ecclesiam Suam* afirma que *a Palavra de Deus circula no discurso humano* (cf. ES 80-82). É preciso saber fazer o *discurso humano* para fazer circular a Palavra de Deus, para comunicar a Palavra de Deus. Mas como se pode comunicar? Retomo a conclusão do meu amigo dom Celli: para comunicar é vital saber ouvir, e a escuta da Palavra de Deus faz renascer o coração. Em Pentecostes, aqueles que escutaram o Apóstolo falar sentiram uma pontada no coração, o coração renascia; o coração como centro da vida, mas também como relação com a humanidade.

daí a intuição de pe. Alberione de se voltar para Paulo, de retomar a comunicação com os homens.

O carisma das Paulinas

Gostaria de falar agora sobre a grande intuição dos Paulinos e das Paulinas, de Mestra Tecla e de pe. Alberione, que é a *de colocar a Bíblia no centro*.

Isso não foi previsto, também a *Dei Verbum* nos parece reduzida, mas não é assim. Nos inícios dos anos Novecentos, o arcebispo de Turim, em uma visita a uma paróquia, sentado na poltrona, pediu ao pároco: «Dê-me uma Bíblia, antes de ir à igreja gostaria de ler uma passagem», e o pároco respondeu: «Certo, Eminência, porém, por favor, levante-se», e o arcebispo espantado perguntou: «Por que?». Resposta: «É porque a Bíblia está debaixo da poltrona, porque ela



Isto eu noto no carisma paulino: a conexão profunda entre um coração que escuta a Palavra de Deus e um coração apaixonado que comunica missionário.

está sustentando uma perna que está quebrada...». A Bíblia estava no nosso mundo, mas estava perdida embaixo das poltronas para sustentá-las... A Bíblia servia para sustentar um pensamento, mas não para alimentar os corações. E assim, a difusão da Bíblia não foi realizada!

Em 1934, Mestra Tecla escreveu: «*Levem a cada um a Bíblia latina, italiana, toda latina, e toda italiana, completa e em pequenos volumes; façam a pessoa escolher a edição que mais lhe agrada; quando a tiver adquirido peçam que faça uma declaração sobre um papel que esteja escrito: Adquiri uma Bíblia...agrada-me...estou feliz... é uma bela edição etc,etc. Depois, dirijam-se a outras pessoas e as façam ver a declaração e assim, pouco a pouco, façam com que todos escrevam duas palavras, ou ao menos assinem. Nem todos aceitarão, mas a maior parte sim. Experimentem fazer assim em nome do Senhor*».

Isto me parece muito importante, porque é o sentido da difusão da Bíblia: colocar a Bíblia nas mãos do povo de Deus – que é o fato mais importante do Concílio junto com a liturgia e que Tecla e Alberione intuíram –, mas também – há um sentido bastante humano – fazer a pessoa escolher a Bíblia mais bonita, não impor, pedir para escrever uma declaração; falar aos outros aquilo que se pensa da Bíblia...

Colocar a Bíblia nas mãos do povo de Deus

Creio que este seja um ponto decisivo, a verdadeira volta, e é uma volta – me permito dizer – apenas iniciada: recolocar a Bíblia nas mãos do povo de Deus, fazer nascer a devoção pela Sagrada Página, escutar. Isto gera a vontade de comunicar, e de comungar a Boa Notícia; fazer nascer aquela paixão tipicamente paulina que Tecla interpretava assim: «*Há tantas almas que esperam a salvação, e são poucos os operários do Evangelho. Pensem: metade da humanidade ainda não conhece Deus, e a outra metade o conhece e o serve pouco... É preciso formar-se um coração missionário: coração generoso, desapegado das comodidades, pronto para tudo*».

Isto eu noto no carisma paulino: a conexão profunda entre um coração que escuta a Palavra de Deus e um coração apaixonado e missionário que comunica a Palavra de Deus. Coloco juntas as duas coisas, não só comunicar a Palavra de Deus, mas comunicar para todos.

Podemos falar da modernidade de Mestra Tecla. Bastaria acenar para o tema da “velocidade”... Aquela página de Mestra Tecla pode parecer um pouco funcionalista, com algo de ridículo (estejamos atentos, porque quando lemos a linguagem das gerações passadas nos parece sempre ridícula; por quê? Porque é a linguagem de ontem!): «*...Sejam rápidas, rápidas ao telefone, no parlatório, conversas breves e edificantes, rápidas e breves na*



correspondência, rápidas, rápidas nas saudações, nas livrarias, rápidas ao saudar as pessoas, rápidas no confessorário...».

É uma figura moderna, Mestra Tecla, mas é uma figura do mundo global? Este me parece o desafio. Este mundo global é um mundo muito mais alfabetizado do que no seu tempo, de cem anos atrás. Mas, nesse mundo mais alfabetizado, cresceu o conhecimento? Creio que existe imensa quantidade de *ignorantes alfabetizados*. Quando digo “ignorantes”, pretendo dizer que ignoram o outro e se deixam tomar por uma cadeia de reações emotivas, porque hoje, cada um de nós, no ângulo mais remoto do mundo, está em contato com muitas alteridades.

Hoje a ignorância é impossível, porque a ignorância se resolve, não só em reações emotivas, mas no fanatismo, e aqui tocamos o problema atual: não se vive em um mundo global sem cultura. A cultura, hoje, é como aquele pouco de inglês que te serve para orientar-te nos aeroportos, para pedir onde se encontra hospedagem, restaurantes, com o qual podes girar todo o mundo, mesmo que, às vezes, te sintas desconhecido. Dizia Nicola Chiaromonte: «*Crentes e não crentes são uma minoria, a maioria é de indiferentes*», que é um forma de dizer “ignorantes alfabetizados”.

Comunicar-se com o outro

E aqui está o grande desafio, caros amigos, de comunicar com o outro, de comunicar o conhecimento do outro, de comunicar para encontrar e conhecer. O tema da guerra ou da violência difusa está justamente aqui. Hoje nos encontramos,



ao longo do Mediterrâneo, em um período terrível de violência. Pensemos no problema do califado e da capacidade incrível do Estado Islâmico de comunicar uma mensagem de violência: a imagem dos cristãos decapitados ao longo do Mediterrâneo é uma mensagem terrível, mas eficaz. A violência não nasce apenas da distância e da ignorância, mas tem uma capacidade comunicativa muitas vezes preponderante. E então o grande desafio: o que quer dizer comunicar a paz, fazer crescer uma cultura de paz, de encontro, de conhecimento, em um mundo de grandes distâncias, de grandes ignorâncias e de violência difusa? Como todos sabemos, as destruições em Ruanda são alimentadas pela comunicação das rádios *Mille Collines*, semeadoras do ódio. A mídia pode ser um potente instrumento multiplicador de violência.

Durante a guerra fiquem no seu lugar

As Paulinas têm uma história ligada à guerra de 1915, a Grande guerra (o ingresso da Itália na guerra foi em 1915). Alberione disse: «Durante a guerra mundial fiquem no seu lugar», e Mestra Tecla: «*Participemos de tantas dores que existem no mundo*». Aqui entra também toda a história da casa da via Antonino Pio, em Roma, da hospitalidade durante a guerra, que é a história das Filhas e é a história dos religiosos, no trabalho da guerra. O que quer dizer viver a paz, comunicar a paz, em tempo de violência e de guerra? Isto é extremamente interessante, e este é o desafio do nosso tempo: comunicar, fazer crescer a cultura do encontro, fazer crescer uma cultura de paz em um mundo que não é tranquilo, em um mundo desafiado pelos fanatismos. Nós somos desafiados por uma cultura de fanatismo, mas não devemos responder à cultura do fanatismo, devemos fazer crescer uma outra cultura. Criando comunicação entre mundos, pessoas, religiões, incrementamos uma cultura de paz.

Gostaria de relembrar um episódio pessoal. Há alguns anos, pe. Perino me chamou, ali, perto de Castel Gandolfo, para um encontro de superiores da Família Paulina, para falar sobre a Família

E aqui está o grande desafio, caros amigos, de comunicar com o outro, de comunicar o conhecimento do outro, de comunicar para encontrar e conhecer.

Paulina. Pus-me a estudá-la e cheguei à seguinte conclusão: «Mas esta é uma confusão, porque há instituições, congregações, leigos, sacerdotes; um entrecruzar-se inacreditável». Refletindo, porém, creio que na ideia de Família Paulina haja uma intuição que rege o desafio do mundo global: diversidade de condições, diversidade de gênero e harmonia; isto é, enfrentar a complexidade do mundo com tantas estradas não homogêneas, mas harmônicas.

Numa Igreja bastante masculina, hoje mais ainda, e em uma Igreja onde é difícil viver um relacionamento de fraternidade, justamente porque faltam as mulheres, até então Alberione quis o desenvolvimento de tantas presenças femininas, não na cozinha para servir aos homens, mas na primeira linha da comunicação. Isto é muito importante porque muitas vezes, ao lado de congregações masculinas e femininas, as mulheres servem para cozinhar e lavar as roupas; no pensamento de Alberione, ao invés, as mulheres devem estar na primeira fila.

A cultura da família é uma cultura de paz

E aqui, então, me parece que a ideia da comunicação venha acompanhada da ideia da *cultura da família*, que não é só atenção ao núcleo familiar, mas é enfrentar a complexidade do mundo e da comunicação através de muitos contatos e sensibilidade, em sintonia e pactos entre eles. Talvez este seja um aspecto não tão presente, mas sobre o qual devemos retornar. E também aqui, repito, a cultura da família é uma cultura de paz.



Concluo com duas rápidas lembranças. Também eu me lembro da livraria das Paulinas em Rimini (tenho só alguns anos a menos que dom Celli e talvez no meu tempo elas já não carregassem mais as bolsas cheias de livros, ou talvez, fizessem os homens carregá-las...). Recordo que, durante o Concílio, eu comprava ali os primeiros documentos, os pequenos opúsculos que ainda conservo comigo. Eis o que eu gostaria de dizer sobre a livraria das Paulinas: frescor, simpatia e também pluralidade de livros, ou seja, extrapolar a marca de uma livraria católica para ser uma livraria de cultura, e de cultura religiosa e, portanto, ecumênica, não no sentido técnico, mas no sentido de “aberta”. Francamente, frequentando depois as livrarias, não tive mais aquela sensação... Todavia, há alguns meses, em Moçambique, fui à livraria renovada das irmãs Paulinas. Em um lugar onde os instrumentos de cultura católica ou cristã são bastante raros tive aquela sensação de tantos anos atrás, ou seja, o frescor de uma comunicação simpática: estes são os livros, escolha aqueles que queres e também se não os escolher, conversemos um pouco e permaneçamos amigos.

Anche il teatro è un eccezionale strumento di formazione globale: allena alla conoscenza di sé e degli altri.

Parece-me ser este o modo simpático que as Filhas sempre tiveram, e creio que cem anos de existência não o tenha ofuscado.

Prof. Andrea Riccardi

Historiador, fundador da Comunidade de Santo Egídio

